

Religiosidade e morte no interior de Minas Gerais

Thiago Rodrigues Tavares*

Resumo

O artigo a seguir se enquadra no atual momento de efervescência dos estudos mortuários nas áreas das Ciências Sociais e Ciência da Religião. A partir da reflexão sobre a relação da sociedade com a sua religiosidade e a questão da finitude do homem, irei abordar as atitudes dos vivos diante da morte, a partir da observação dos rituais funerários no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, assim esse trabalho deverá esclarecer os rituais de passagem presentes numa vivência popular do catolicismo e as possíveis transformações nas atitudes dos homens frente a morte – estas se referem as relações estabelecidas entre os vivos e destes com os mortos, durante os rituais fúnebres. A morte no catolicismo é concebida como uma passagem de um mundo para outro havendo obrigações entre vivos e mortos, estes últimos estando num momento de liminaridade. O indivíduo deve se preparar para a morte e, após o seu acontecimento, cabe aos vivos a preparação do ritual de passagem que proporcione a transição tranquila do morto, que em espírito deverá seguir em direção ao seu destino final: para uma outra vida. Dessa forma o momento da morte se destaca na vivência popular do catolicismo onde o rito coletivo tem extrema importância pois é o elo entre familiares, vizinhos e amigos. São nesses momentos em que todos estão juntos que fazem com que qualquer ritual coletivo seja um momento de sociabilidade e festa.

Palavras-chave: Morte. Religiosidade. Catolicismo.

Religiosity and Death in the interior of Minas Gerais

Abstract

The following paper fits in the framework of current effervescency on the mortuary studies in the fields of Social and Religion Sciences. Starting from a reflection about the society's relationship with its religion and the finiteness of men, it approaches the attitudes of the living in face of death based on the observation of funerary rituals in Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Thereby, this paper intends to shed more light on the passage rites in a popular catholicism experience and the possible transformations in the attitudes of men in front of death - the latter referred to the relationships established among the living and between them and the dead, during the funereal rituals. Death in catholicism is conceived as a passage from a world into another, creating obligations between the living and the dead, the latter going through a liminality moment. The individual must be prepared to death and, after its fulfillment, it is up to the living to provide the proper transition to the dead, who must proceed in spirit to its final destination, another life. Thus, The moment of death outstands in a popular catholicism experience where the collective rite is extremely important as a bond among family, neighbours and friends. These gatherings are precisely what makes the collective rites a moment of sociability.

Key-words: Death. Religiosity. Catholicism.

Introdução

Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de mestrado, ainda em curso, onde busca-se observar as atitudes dos vivos diante da morte e a importância do ritual fúnebre para a consolidação da religiosidade e da solidariedade entre católicos da cidade de Presidente Kubitschek

no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais.

A pesquisa está na sua fase inicial e pretende-se comprovar os argumentos levantados aqui, a partir de duas fontes metodológicas – História oral e etnografia, estas serão utilizadas mutuamente. A História oral será usada a partir da realização de entrevistas abertas sobre o tema, ela possibilitará o acesso de histórias dentro da

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora

história, a partir de testemunhos de moradores e frequentadores dos rituais funerários e a partir da realização da etnografia – nos moldes de Geertz (1989)¹¹. Porém para este artigo utilizarei o material bibliográfico levantado até o momento, que prioriza as discussões em torno dos rituais funerários e suas transformações, além da relação entre a morte no catolicismo e ritos de passagem.

Antes de tudo é importante familiarizar o leitor com o objeto de pesquisa. Muitos são os autores que retratam a morte nas mais diversas sociedades – tradicionais, pré-industriais ou modernas –, dentre eles podemos destacar historiadores, antropólogos e sociólogos tanto no exterior como no Brasil²². Em seus livros apresentam a preocupação das pessoas em buscar uma forma de “bem morrer” ou apontam as atitudes dos vivos frente aos mortos, apresentando as maneiras nas quais eles cultuam e ritualizam a morte, na preocupação de que o morto, sendo ele um parente ou um amigo, conclua seu caminho e chegue ao seu destino final, realizando para isso rituais ricos em signos e símbolos coletivos. No catolicismo, por exemplo, a morte é concebida como uma passagem de um mundo para outro havendo obrigações entre vivos e mortos, estes últimos estando num momento de liminaridade. O indivíduo deve se preparar para a morte e, após o seu acontecimento, cabe aos vivos a preparação do ritual de passagem que proporcione a transição tranquila do morto, que em espírito deverá seguir em direção ao seu destino final: para uma outra vida.

Durante a Idade Média e meados do século XVIII, havia uma relação de proximidade entre vivos e mortos na Europa. A morte era pública e o morrer em casa, próximo a familiares e amigos, era o essencial. No Brasil colonial acontecia da mesma forma, uma boa morte era sempre acompanhada por especialistas em bem morrer e solidários espectadores –, ela não podia ser vivida na solidão (REIS, 1991, p. 110). As pessoas eram veladas em casa e enterradas nas cercanias das igrejas em solo sagrado pertencente as suas irmandades, estando assim mais próximas de Deus e da salvação eterna. Os cortejos fúnebres cortavam a cidade e quanto mais influente e rico o defunto, maior a pompa e o número de pessoas no seu funeral.

A Igreja Católica no século XVIII e XIX fornecia manuais com as formas de “bem morrer”, que tinham como objetivo organizar um imaginário social fundamentado pelo temor acerca da morte. Desta forma, o medo da morte era uma aprendizagem diária, sendo que a Igreja transmitia aos seus fiéis a possibilidade de salvarem ou não suas almas, de acordo com certas atitudes. O padre português Bernardo Queirós recomendava em seu manual que os católicos na hora da morte não se esquecessem de seus parentes mais necessitados e aconselhava que não morresse deixando qualquer bem indevidamente adquirido (REIS, 1991).

Com o passar dos anos as atitudes diante da morte e do morto foram mudando. A partir do desenvolvimento da medicina, do processo de modernização e racionalização da sociedade a visão sobre a morte foi se transformando, saindo do público em direção ao privado e ganhando uma forma mais individualista. Como lembra Elias (2001), o tratamento dado aos cadáveres e o cuidado com as sepulturas eram atividades realizadas pelas famílias e agora passaram a ser realizadas por especialistas remunerados. As mudanças na sociedade moderna sob influência da secularização dos valores, dos costumes e dos sentimentos são possivelmente as grandes responsáveis pelas mudanças do culto ao morto. É necessário compreender que a distribuição dessas mudanças não é uniforme sendo menos acentuada nos meios mais conservadores das zonas rurais e das camadas modestas e menos modernizadas da sociedade assim como em famílias mais religiosas (AZEVEDO, 1987).

Para atingir o objetivo proposto por este trabalho torna-se necessário pensar como se deram as transformações em torno dos rituais funerários e como são as relações entre os indivíduos e o morto numa concepção católica popular sobre a morte. Empiricamente, o estudo será conduzido no município de Presidente Kubitschek, que fica localizado entre duas das principais cidades da região – Diamantina³³ e Serro⁴⁴ –, no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. Graças a essas cidades deu-se o início do povoamento e o desenvolvimento da região e da localidade a ser estudada. O número de moradores da cidade sofreu poucas alterações no decorrer dos anos, segundo dados do IBGE em 2012

tinha a população estimada em 2.961 pessoas⁵⁵, mas a cidade alterou-se consideravelmente. Motivada por maiores investimentos do governo federal, acompanhada por boa administração pública local, a cidade desenvolveu-se, havendo a construção de novas casas – bem diferentes das construções mais antigas, que normalmente eram pequenas e simples – além de contar hoje com duas unidades de saúde, creche e escola. Dentre essa população 2017 pessoas vivem na zona urbana e 942 na zona rural. Sendo deste total, 1493 homens e 1466 mulheres. Os moradores estão divididos em 760 domicílios, sendo que em 453 destes a população vive com até 2 salários mínimos⁶⁶.

Primeiramente será exposto através das obras de Ariès(1977) e Rodrigues(1983), a compreensão sobre os rituais funerários e as transformações na morte no morrer. Em seguida, a vivência da morte no catolicismo tendo como tema central o momento liminar, para assim, ao fim desse artigo, chegarmos às primeiras conclusões sobre o questionamento da possibilidade do ritual funerário, conciliado a uma religiosidade popular, ativar uma memória coletiva que reafirma a solidariedade e a religiosidade entre os participantes do ritual.

Perspectivas em torno da morte e do morrer

A consciência da morte está ligada à domesticação, à vida em sociedade humanamente organizada. O homem tem consciência de que sua estada sobre a Terra é precária, efêmera. Assim a consciência da morte é uma marca da humanidade, um produto das relações sociais. As imagens que os cristãos se fizeram da morte, da vida e da imortalidade variaram no tempo (RODRIGUES, 1983, p. 116).

O momento da morte é carregado por um rico e complexo ritual, que remete a vida coletiva e suas transformações. A “boa morte” e os sentimentos ao seu redor são ritualizados e socialmente propostos. (ARIÈS, 1977, RODRIGUES, 1983).

A morte é um produto da história, contendo mudanças que embora lentas sempre existiram. Inicialmente as cerimônias funerárias apresentavam um caráter mais civil,

eminentemente leigo e com elementos pagãos. Com o passar dos séculos a Igreja Católica definiu maior participação nas cerimônias fúnebres e os funerários se tornaram cada vez menos civis e mais religiosos. Mudanças mais drásticas se darão no advento da modernidade, levando a uma laicização dos funerários.

Ariès traça o processo histórico das atitudes diante da morte, começando na Idade Média chegando até ao século XX. Ele observa que durante esse período as atitudes diante da morte foram se modificando. De acordo com tais mudanças, Ariès denominou as atitudes diante da morte da seguinte forma: morte domada, morte de si mesmo, morte do outro e morte interdita.

Na primeira fase da Idade Média é um período marcado pelo que Ariès chamou de morte domada. O autor observa que a morte era simples, uma cerimônia pública e organizada. As pessoas tinham consciência de quando iam morrer, seja por signos naturais ou por convicções íntimas. Para que ocorresse uma “boa morte” era necessário esperar a morte no leito, de modo que as pessoas se preparavam para recebê-la como se preparavam para dormir. No quarto do enfermo era importante a presença de parentes, amigos e vizinhos. O detestável nessa época era morrer em segredo, sozinho, inesperadamente e sem cerimonial. O próprio moribundo organizava a cerimônia, não havia caráter dramático ou gestos de emoção excessivos. Após a morte começavam as exéquias⁷⁷, que eram compostas de quatro partes:

- 1) luto – as manifestações de dor apareciam logo após a morte, o único momento dramático do ritual;
- 2) absolvição geral dos pecados – reduzia-se a uma repetição da absolvição dada em vida;
- 3) cortejo – submetido a algumas regras com certo itinerário, certas paradas ou pequenas demoras, acompanhado por parentes e amigos;
- 4) enterro – muito breve e sem solenidade, era necessário ter uma nova absolvição geral. Os corpos eram confiados à igreja e deveriam ser mantidos dentro dos limites sagrados (dentro das igrejas, próximo ao altar ou das imagens dos santos e nos cemitérios que ficavam nos arredores das igrejas).

Já na segunda fase da Idade Média, a partir do

século XI e XII, começam a surgir modificações sutis nas atitudes diante da morte. As cerimônias são basicamente as mesmas, mas existe a preocupação do que irá acontecer após a morte. Ninguém mais estava seguro da salvação e o episódio da morte se transforma na encenação de um tribunal onde o céu e o inferno desceram ao quarto do moribundo, de modo que cada acontecimento da vida será pesado na balança do bem e do mal (RODRIGUES, 1983). Durante o velório, monges recitam o ofício dos mortos e passam a ocorrer missas de corpo presente – antes do enterro o corpo passa a ser colocado diante o altar das igrejas, ali ocorrem missas cantadas em intenção do falecido. O cortejo tem a presença não só de amigos e parentes, mas de figurantes, clérigos, religiosos e leigos. A partir desse momento é preciso prevenir-se para o “Além” com garantias espirituais e, ademais, são necessários rituais de absolvição e orações. Os testamentos se tornam um meio religioso no qual o homem pode garantir missas, preces e atos de caridade, doando seus bens. Esse período é denominado a morte de si mesmo.

Nesse mesmo período começaram a ocorrer diferenciações entre os funerais de ricos e pobres. Quanto mais rico e poderoso o defunto, mais padres, monges e pobres havia em seu cortejo. A partir do século XVI as confrarias, que tinham como objetivo praticar todos os tipos de caridade, passam também a dar assistência nas exéquias, onde os associados passam a contar com as preces feitas pelos confrades e a ter um cortejo fúnebre com um maior número de pessoas.

O período entre o início do século XVIII a meados do século XIX recebeu o nome de a morte do outro. A morte passa a ser exaltada e dramatizada, não desejável, mas admirável por sua beleza – a morte romântica. Aqui iremos encontrar um ritual agitado pela emoção. Deve-se suplicar, gesticular e chorar pelo morto. A cena da morte deixa de apresentar a serenidade dos séculos anteriores. Os últimos adeuses são agora dilacerantes, uma emoção

quase incontrolável aflige os espectadores. Neles existe a necessidade de exibir a dor (RODRIGUES, 1983).

Nos períodos anteriores, a morte provocava tristeza, mas esta era perfeitamente controlada. O luto romântico remete a dificuldade dos que

sobrevivem em aceitar a morte do próximo. Em meados do século XVIII surge a preocupação dos médicos higienistas quanto à proximidade física de vivos em relação aos (corpos/cadáveres dos) mortos. Nesse momento começa a ocorrer a “medicalização” da morte, os médicos passam a substituir os homens da igreja na cabeceira dos moribundos, ficando junto deles apenas familiares mais próximos e amigos íntimos. A morte no leito é menos pública. Outra mudança se dá no local dos enterros quando, sob impulso de uma ideologia higienista inicia-se a laicização dos cemitérios e sua separação das igrejas. Nesse momento os mortos passam a ser retirados das igrejas e transferidos para cemitérios fora dos centros urbanos.

A medicalização é um dos fatores que vai provocar as maiores mudanças das atitudes em torno da morte. Veremos que, na segunda metade do século XIX, muda-se a imagem da morte. A partir de então o decoro proíbe toda referência à morte. Ela é consequência, faz-se de conta que não existe, existem apenas pessoas que desaparecem e das quais não se fala mais – talvez se fale um dia, bem depois do acontecido, quando se tiver esquecido que morreram (ARIËS, 1977).

A partir da metade do século XIX até os dias atuais o ritual em torno da morte é chamado de morte interdita. As imagens da morte são cada vez mais raras. Um fato familiar no passado começa a desaparecer. Inicialmente a proximidade da morte já não é mais contada ao enfermo ou moribundo, que passa a ser poupado de tal dor. A morte em casa passa a ser rara, morre-se no hospital local onde são prestados os cuidados que já não podem ser prestados em casa. O hospital esconde os aspectos repugnantes da enfermidade. Se antes a presença de familiares e amigos no leito do moribundo era imprescindível, hoje em dia já não é mais possível, devendo-se respeitar o silêncio e evitar a contaminação nos hospitais, um local para especialistas.

O tratamento dos moribundos e dos cadáveres e o cuidado com as sepulturas saíram das mãos da família, parentes e amigos e passaram para especialistas remunerados. A morte se profissionalizou. A família transferiu o moribundo para o hospital, que por sua vez transferiu o morto para as empresas funerárias (RODRIGUES, 1983). O defunto passa a ser

tratado como mercadoria. Hospitais e funerárias trabalham juntas e os familiares já não sabem como lidar com o corpo, não sabem quais providências devem tomar, e veem nas empresas funerárias uma maneira rápida e fácil de resolver o seu “problema”.

Nos costumes modernos cada vez menos se tolera a presença do corpo (doente ou morto) em casa, seja por motivos de ordem higiênica, seja por falta de condições psicológicas para enfrentar a realidade. Tudo isso contribui para empurrar a agonia e a morte mais que nunca para longe do olhar dos vivos e para os bastidores da vida. Nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje nessas sociedades, e, nunca em condições tão propícias à solidão (ELIAS, 2001).

O corpo morto já não vai para a igreja para que aconteça a missa de corpo presente como também não é velado em casa. Ele é levado para um salão funerário, conhecido nos Estados Unidos por *funeral home*. Ali é criado um novo ambiente, com regras a serem seguidas. A emoção e o choro em excesso são deixados de lado, podendo aparecer nos semblantes dos amigos e familiares mais próximos. O morto acolhe seus convidados após todo o traço da morte ter sido eliminado do seu corpo - ele já foi lavado, embalsamado, cuidadosamente vestido e maquiado. Os funcionários desses *funeral homes*, cuidam da restauração do defunto, para apagar qualquer traço de agonia e sofrimento, poupando assim os vivos e “respeitando a imagem dos mortos”.

O ritual católico em torno da morte também se modificou, devido aos processos de secularização e modernidade vividos pela sociedade. Na seção a seguir observaremos que o ritual fúnebre católico continua mantendo parte das suas tradições principalmente nas regiões rurais que podem ser consideradas “bolsões” de uma vivência popular do catolicismo⁸⁸ e que tem uma forte preocupação com o destino das almas.

Morte no catolicismo: período liminar

As expressões populares do catolicismo apresentam uma relação íntima com a morte e as almas, estas são lembradas nas orações, promessas e até mesmo no culto aos santos⁹⁹.

Segundo Brandão (1987), o imaginário católico popular estabelece relações de interferência entre vivos e mortos, sendo que esses últimos dependem mais do que interferem sobre os primeiros.

A morte representa um período liminar, onde existem obrigações entre vivos e mortos. O indivíduo deve se preparar para a morte, e cabe aos vivos a preparação do ritual de passagem que proporcione a alma do morto chegar ao seu destino final. Mas a posição social e o futuro do morto são incertos e causam dúvidas, pois:

“O morto tem posição ambígua: ao mesmo tempo que está entre os vivos – iguala-se aos mortais em presença – está partindo para ser diferente dos que ficam (na qualidade de ancestral). O cadáver está em uma situação marginal, deslocado e excluído do padrão social; seu status é indefinível. Seu futuro também é ambíguo (lugares misteriosos), tanto ‘céu’ quanto ‘inferno’ são lugares que não existem concretamente”. (DOUGLAS apud SURERUS, 1997, p. 23).

Para entender a posição social do morto e o seu estado liminar, é necessário compreender o que são momentos de liminaridade. O período de liminaridade (“antiestrutura”) faz parte dos rituais de crise de vida ou dramas sociais, são momentos de grande importância para o desenvolvimento social do indivíduo. O nascimento, a puberdade, a morte e cerimônias como o casamento e o batismo, são exemplos desses rituais que marcam a transição de uma fase da vida ou de um status social para outro, desta forma, podem ser também chamados de rituais de passagem. Os momentos de dramas sociais não dizem respeito somente ao indivíduo que ocupa o lugar central no ritual, mas também acarreta mudanças nas relações das pessoas que estão fortemente ligadas a ele por algum tipo de vínculo, seja ele sanguíneo, matrimonial ou político (TURNER, 2005).

Para compreender o ritual de passagem é obrigatória a leitura de Arnold Van Gennep (1978) e Victor Turner (1974). Para o primeiro, rituais de passagem seriam todos “os ritos que acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade”. Tais rituais de

“transição” apresentariam três fases:

1) separação ou ruptura – fase inicial, compreende o comportamento simbólico que se refere ao afastamento do indivíduo ou do grupo;

2) margem ou liminar – durante esse período o estado do indivíduo é ambíguo, um espaço de trânsito, ocorrendo a suspensão de papéis;

3) agregação ou reintegração – o indivíduo volta a estar na condição estável, com direitos e deveres definidos.

Van Gennep foi referência para Turner, que desenvolveu um novo modelo de dramas sociais/rituais de passagem, composto por quatro fases:

1) separação ou ruptura – quebra de algum relacionamento considerado crucial por parte do grupo social;

2) crise e intensificação da crise – aponta para a fragmentação do grupo;

3) ação remediadora – consiste na tentativa de reconciliação ou ajustes entre os grupos envolvidos e

4) reintegração – desfecho final, que pode ser trágico (levando à total divisão social), ou fortalecer a estrutura (SILVA, 2005, p. 37).

Dessa forma, segundo a teoria de Turner a sociedade está dividida em dois momentos: a estrutura (realidade cotidiana, modelo básico de sociedade) e a “antiestrutura” (momentos extraordinários). A estrutura institui a “antiestrutura”. A sociedade na tentativa de lidar com suas crises estabelece as “communitas”, período liminar, no qual as pessoas e até mesmo grupos representam, simbolicamente, papéis que correspondem a uma posição invertida em relação ao status que habitualmente possuem, é o momento no qual se situam em *betwixt and between*¹⁰¹⁰. Segundo Silva (2005), posteriormente a “antiestrutura” tende a contribuir para a revitalização da própria estrutura social.

Nesse contexto, as cerimônias funerárias fazem parte de ritos de separação entre vivos e mortos, e ritos de incorporação destes últimos a seu destino no “Além”. Os rituais funerários são mais elaborados e adquirem significados expressivos em sociedades onde a morte é vista como momento de transição, onde o morto é agregado ao mundo dos mortos:

“As pessoas para quem não se observam os ritos funerários são condenadas a uma penosa

existência, pois nunca podem entrar no mundo dos mortos ou se incorporar a sociedade lá estabelecida. Estes são os mais perigosos dos mortos. Eles desejam ser reincorporados ao mundo dos vivos, e, porque não podem sê-lo, se comportam em relação a eles como forasteiros hostis. Eles carecem dos meios de subsistência que os outros mortos encontram em seu próprio mundo e conseqüentemente devem obtê-los à custa dos vivos. Ademais, estes mortos sem lugar ou casa às vezes possuem um desejo intenso de vingança”. (GENNEP apud REIS, 1991, p.89).

Nesse momento de liminaridade, deve haver preocupações tais como a cerimônias de purificação, sepultamento, garantia da unção dos enfermos e missas pela alma (como as missas de 7º dia, de 30 dias e de 1 ano). Também é importante lembrarmos-nos do dia de finados, dia instituído para visitar e rezar pelas almas dos mortos, sobretudo as almas do purgatório, sublinhando simultaneamente sua posição hierárquica mais baixa do que a das almas no céu, e a ativa “communitas” dos vivos, que pede aos santos para intercederem por aqueles que sofrem a aprovação liminar no purgatório (TURNER, 1974). O purgatório é o local para purificação das almas dos que morreram em estado de graça¹¹¹¹. Para dele escapar mais rapidamente, além do arrependimento na hora da morte, os mortos precisavam da ajuda dos vivos na forma de missas e promessas a santos (REIS, 1997).

Pelo exposto até aqui podemos destacar que a morte é uma preocupação para os católicos. O indivíduo em vida deve se preparar para morrer, e após o seu acontecimento o homem-morto passa a se encontrar num momento de liminaridade, sua transição para o seu destino final vai depender das suas atitudes em vida, dos rituais de passagem e das celebrações desempenhadas pelos vivos em sua memória.

Metodologia

No segundo semestre de 2012 foi realizado o primeiro contato com os habitantes, estes contribuíram para que fosse possível conhecer um pouco mais sobre a religiosidade e o ritual funerário, nessas conversas três pontos se

destacaram: o culto aos santos, o local do velório e a solidariedade entre os participantes do funeral.

O estudo que está em fase inicial é realizado a partir de três fontes principais: levantamento bibliográfico, entrevistas e etnografia. A pesquisa bibliográfica tem como objetivo auxiliar no levantamento de informações sobre o assunto, colaborando para entender melhor o objeto de pesquisa. O levantamento bibliográfico passará pelos campos das Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia), História e Ciência da Religião, na busca de encontrar dados relevantes sobre o catolicismo, morte, rituais de passagem, cultura popular, modernidade e questões gerais sobre o Vale do Jequitinhonha. A partir das informações colhidas terá início a segunda fase da pesquisa: as entrevistas.

A entrevista deverá ser dirigida ao tema, tendo como apoio a bibliografia levantada. Esta será mista: livre e orientada, a partir de uma entrevista semi-estruturada, com a utilização de câmera e gravador. Estas entrevistas se pautarão na História oral, metodologia presente nas Ciências Humanas desde meados do século XX, sendo uma fonte rica de informação que permite o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. A História oral é útil para compreensão da história do cotidiano, permitindo o estudo de diferentes formas de articulação de atores e grupos de interesse, das mais diversas camadas sociais, gerações e sexos (ALBERTI, 2008).

Serão selecionados moradores da cidade a ser pesquisada - Presidente Kubitschek - pessoas que tenham vivido experiências referentes ao culto ao morto e que se enquadrem no que aqui foi chamado de vivência popular do catolicismo, o recorte inicial será mais amplo porém os mais velhos serão os primeiros a serem ouvidos. Através de suas narrativas será possível compreender como se dava o rito funerário e assim conhecer as possíveis mudanças. Além de poder saber como são criados os laços de sociabilidade e as formas de solidariedade existentes entre os participantes do ritual.

O trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. Ela [a memória] é

essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. A memória é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. (POLLAK apud ALBERTI, 2008, p.167).

Por sua vez a etnografia também acontecerá na medida em que ocorram funerais e estes possam ser acompanhados. Dessa forma, será possível a realização de uma descrição densa, onde todos os detalhes do ritual serão observados e interpretados. Esse momento da pesquisa se dará seguindo os moldes de Geertz (1989), a etnografia não é apenas descrever os atos e fatos, mas interpretar os significados que compõem as ações e desvendar quais são suas relações e as suas consequências. Inicialmente terei que aprender sobre o ritual funerário para só depois poder apresentá-lo.

O trabalho etnográfico é uma atividade decididamente perspectiva, fundada no despertar do olhar e na surpresa que provoca a visão, buscando, numa abordagem deliberadamente micro-sociológica, observar o mais atentamente possível tudo que encontramos, incluindo mesmo, e talvez, sobretudo, os comportamentos aparentemente mais anódino. (LAPLATINE, 2004 p. 15).

Após o levantamento bibliográfico, realização das entrevistas e da etnografia se faz necessário uma análise conjunta de todos os dados colhidos, para assim chegar as respostas dos questionamentos elaborados nesse artigo e no projeto de Mestrado.

O panorama local: a morte no Vale do Jequitinhonha

A partir das exposições feitas durante esse artigo, apresento os dados iniciais que foram colhidos na primeira inserção no campo, podendo assim dialogar o trabalho de campo com o material bibliográfico levantado até o momento.

A pesquisa se concentra na cidade de Presidente Kubitschek¹²¹², cuja formação está relacionada com o ciclo do ouro e diamante

durante os séculos XVII e XIX. A cidade é pequena e acolhedora, nela é comum ver as pessoas sentadas em frente a porta de suas casas tomando sol e observando o movimento. A cidade conta com algumas praças – em torno de sete – não são grandes, mas são arborizadas e muito bem cuidadas, duas delas contam com equipamentos de ginástica. No centro do município estão instalados o correio, a câmara municipal, a prefeitura, o posto de saúde, o colégio e uma farmácia. E próximo a entrada da cidade também na região central está a Igreja de Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade, representa a religiosidade da população já que muitos dos moradores são devotos da padroeira – ainda segundo dados do IBGE, 2720 moradores se declaram católicos¹³¹³. Esse é um dado de extrema importância, segundo esses dados 91% da população da cidade referida é composta por católicos, essa é a proporção de católicos que existia no Brasil nos anos 1970. É importante ressaltar que o quadro nacional aponta para ascensão do número de evangélicos contra uma decadência do número de católicos. De forma que esse mesmo quadro não se comprova na cidade referida.

Em meio as conversas e ao observar as casas foi possível notar a grande devoção aos santos. A concepção popular sobre os santos vai além da noção pregada pela Igreja, os santos são pessoas – isto é, seres individuais, dotados de liberdade, vontade, qualidades próprias e uma biografia – que habitam o céu, estando junto de Deus e, por isso, têm poderes sobrenaturais. Mas ao mesmo tempo também estão presentes na terra através de suas imagens, que equivalem a própria pessoa do santo. É como se a imagem estivesse viva (OLIVEIRA, 1983). Na experiência popular se busca uma figura humana capaz de ouvir seus apelos e resolver seus problemas (PASSOS, 2002). Por isso a relação pessoal entre o fiel e a imagem do santo: com ela se conversa, se enfeita, acendem-se velas e são agradecidos os milagres alcançados. A imagem sai à rua, participa de procissões, recebe e faz visitas. A imagem do santo tem um lugar de evidência no culto popular.

Segundo Freitas (2003), o culto de santos no Ocidente teve início como uma espécie de culto funerário. Também conhecido como o culto aos mártires, pessoas que morriam de um modo tão

sofrido que causava comoção na opinião pública local. Isso os tornava “mortos especiais”, sagrados, santificados e redimidos.

Outro dado a ser ressaltado se refere a morte e aos funerais, estes representam o reflexo de uma população unida, o rito fúnebre é um momento de efervescência, primeiramente por gerar movimento em uma localidade de vida pacata, os velórios atraem amigos e parentes vindos de outras cidades. A morte e o funeral são espaços de expressão e de ressignificação dos laços sociais (LEMOS, et al., 2011). Praticamente toda a população da cidade vai participar do velório, é o momento que não existem diferenças, o morto é velado em casa, lugar escolhido para as despedidas. O corpo fica exposto na sala, este é o local de maior respeito, onde as emoções de tristeza são mais nítidas. No lado externo da casa é o local de descontração, são feitas uma ou mais fogueiras, as pessoas bebem cachaça e comem tira-gosto, falam coisas boas ou ruins – num tom jocoso – sobre o morto.

De forma solidária e solícita as pessoas dividem tarefas, seja para vestir o morto¹⁴¹⁴, preparar as comidas ou para realizar as orações. A população busca visitar e prestar sua últimas homenagens, aqueles que não o fazem durante o funeral, visitam os familiares mais próximos do morto no período de luto que se insere entre o dia da morte e a missa de sétimo dia. O ritual é considerado também um momento de reencontro, pois muitas vezes é a única possibilidade de parentes distantes se encontrarem. Segundo Lemos, et al., (2011) a solidariedade se destaca nos espaços de morte e de funerais no meio rural, porque

“A morte envolve contingentes de testemunhos solidários. No decorrer do funeral aglomeram-se em torno do morto pessoas envolvidas num sentimento de solidariedade e pungente contrição, onde a tessitura de laços presentes de parentesco e de amizade é reforçada no sentimento de solidariedade espontânea e através do próprio ritual”. (LEMOS, et al., 2011, p.99)

Considerações Finais

Neste artigo, buscou-se apresentar o

material bibliográfico levantado até o momento, destacando as discussões que priorizam o debate em torno dos rituais funerários e suas transformações, além da relação entre a morte no catolicismo e ritos de passagem. O ritual funerário vem sofrendo diversas transformações com o passar dos séculos, a morte, tanto como processo quanto como imagem mnemônica, é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador (ELIAS, 2001). Devido ao processo de modernização e o desenvolvimento da medicina higienista os mortos começam a parecer perigosos para a saúde dos vivos. Porém deve-se notar que os rituais religiosos de morte podem provocar nos crentes sentimentos de que as pessoas estão pessoalmente preocupadas com eles, o que é sem dúvida a função real desses rituais. Fora deles, morrer é no presente uma situação amorfa, uma área vazia no social (ELIAS, 2001).

O trabalho segue no caminho de observar as cerimônias funerárias – enquanto ritos de separação entre vivos e mortos, e ritos de incorporação destes últimos a seu destino no “Além” – destacando sempre que esse ritual está conciliado com uma cultura rural, que tem como traço a necessidade de estar juntos. A vida no meio rural é organizada em torno da família, vizinho e grupos de interesse, o estar com outro é a situação culturalmente natural de ser e estar (LE MOS, et al., 2011).

Ainda é necessária uma inserção maior no campo de pesquisa e a realização de novas leituras, que devem se concentrar em autores como Turner, Schechner, DaMatta, Brandão, Martins e Geertz. Os três primeiros para a compreensão do ritual e das performances ali presentes; Brandão e Martins, pois trabalham em algumas de suas obras a dinâmica entre a religiosidade e o meio rural; e Geertz, principal referência teórica na realização da etnografia para a compreensão do ritual de passagem. Lembrando que as obras de Ariès e Rodrigues serão sempre retomadas, pois são obras densas com uma ampla concepção sobre o tema da morte.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História, In: PINSKY, Karla (Org.) *Fontes históricas*, São

Paulo: Contexto, 2008

ARIÈS, Philippe.(1987) *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves EDITORA S.A.

AZEVEDO, Thales de. (1987) *Ciclos da Vida: Ritos e ritmos*. São Paulo: Editora Ática.

AZZI, Riolando.(1977) “Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil”. In: *Religião e Sociedade* nº 1, Rio de Janeiro: ISER, p. 125-149.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1980) *Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Editora Brasiliense.

_____. (1987) *O festim dos bruxos: estudos sobre a religião no Brasil*. São Paulo: Editora Ícone, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara.(1985) “Anúbis e Outros Ensaio”. In: *Superstição no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia.

CRUZ, J. E.(2010) *Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do nordeste brasileiro*. Dissertação(Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DAMATTA, Roberto. (1987) “ A Morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro”. In: *A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara.

_____. (1986) “Uma religião democrática”. In: *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Graal, p. 139-147.

DURKHEIM, Émile. (2006) *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2006

ELIAS, Nobert.(2001) *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

FERNANDES, Rubem César. “Religiões Populares: Uma visão parcial da literatura recente”. *BIB*, Rio de Janeiro, n18, p. 3-26, 1984.

FREITAS, Eliane Tânia Martins. Mortes banais, mortos especiais: devoções populares no Nordeste. Estudos sobre la Religion. N15, Newsletter de la asociacion de Cientistas Sociales de la Religiónen el Mercosur, 2003, p09-13.

LAPLATINE, François, A descrição etnográfica. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

MENEZES, Renata Castro.(2003) “A benção de Santo Antônio e a religiosidade popular. Estudos sobre la Religion”. N15, Newsletter de la asociacion de Cientistas Sociales de la Religiónen el Mercosur, 2003, p01-06

GEERTZ, Clifford. (1989) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

LEMONS, Carolina Teles; MOREIRA JÚNIOR, João; RODRIGUES, Leila Ribeiro. “Morte: um espaço de (re)significação da vida e das relações sociais no meio rural”. Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura. Edição nº 35 – Ano VII – Julho/Agosto/Setembro 2011. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/06/Artigo9.pdf> >. Acesso em: 13 outubro 2011

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro.(1983) “Expressões religiosas populares e liturgia”. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 43, fasc. 72.

_____. “Adeus à sociologia da Religião Popular”. Religião e Sociedade, vol. 18, Rio de Janeiro. 1997, p. 43-62.

PASSOS, Mauro. “O catolicismo popular”. In: PASSOS, Mauro (Org.) *A festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

REIS, João José. (1991) *A morte é uma festa: ritos funerários e revolta popular no Brasil do século XX*. São Paulo: Cia. das Letras.

_____.(1997) “O cotidiano da morte no Brasil Oitocentista”. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org). *História da Vida privada no Brasil* – vol. 1 – São Paulo: Cia. das Letras, p. 96-141.

RODRIGUES, José Carlos. (1983) *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Achiamé.

SCHECHNER, Richard. (2012) “Ritual (do Introduction to Performance Studies)”. In: LIGIÉRO, Zeca (org.). *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad X.

SILVA, Rubens Alves da. (2005) “Entre “Artes” e “Ciências”: A noção de performance e drama no campo das Ciências Sociais”. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, nº. 24 p35-65.

SURERUS, Christiane Hargreaves.(1997) *Ritual Fúnebre: A presença da Ausência. Dissertação (mestrado em Ciência da Religião)*, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

TURNER, Victor. (1974) *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes.

_____. (2005) *Floresta de Símbolos*. Niterói: EdUFF.

_____. (2008) *Dramas, Campos e Metáforas: Ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> – acessado em: 10/04/2013 20:20

Notas

1 A etnografia não é apenas descrever os atos e fatos, mas interpretar os significados que compõem as ações e desvendar quais são suas relações e as suas consequências.

2 Ariès(1977); Reis(1991,1997); Rodrigues(1983); Elias(2001).

3 Em 1831 a localidade até então conhecida como Arraial do Tijuco é elevada a categoria de vila, com o nome de Diamantina. Passando a ser cidade com o mesmo nome em 1838.

4 A comarca de Serro Frio, foi criada em 17 de fevereiro de 1720. Foi elevada a cidade – Serro – em 6 de março de 1838.

5 Evolução populacional: Ano População

1991	2.932
1996	2.549
2000	2.951
2007	2.978
2010	2.959

6 Rendimento mensal domiciliar:

Até ½ salário mínimo: 32 domicílios

De ½ a 1 salário mínimo: 180 domicílios

De 1 a 2 salários mínimos: 241 domicílios

7 Cerimônias fúnebres pomposas.

8 Existe uma série de relativizações sobre o conceito de religiosidade popular, tanto em relação ao seu alcance, quanto à sua ambiguidade (MENEZES, 2003).

Fernandes (1984) analisa a bibliografia sobre as religiões populares produzidas no Brasil até os anos 80. O autor observa que o conceito de popular aparece com pelo menos três sentidos diferentes:

1º A maioria da população, em oposição à minoria.

2º Pertencente a estratos inferiores da população, por oposição a práticas da elite.

3º Extra oficial, no sentido de estar fora do controle ou da regulamentação da autoridade instituída, oposição a uma religião oficial.

9 O catolicismo popular ou tradicional é aquele que se entrelaça com a formação cultural do brasileiro. Sistema religioso marcado pelo culto aos santos, tendo características festivas e “milagreiras”, sendo os leigos seus principais agentes religiosos. O catolicismo popular se define pela autoprodução religiosa, segundo Cruz (2010) a compreensão do catolicismo popular é uma empreitada ampla e inesgotável, não é um fato coisificado, mas um processo histórico, onde se desenvolvem expressões de fé e de organização, agregando assim, expressões características específicas e elementos universais do Catolicismo.

10 Termo utilizado por Victor Turner, podendo significar “aquém e além de dois pontos fixos”, “entre dois mundos”, “entre entrementes” e no coloquial “nem lá nem cá”.

11 A graça representaria um dom universal dado por Deus, para as pessoas satisfazerem suas necessidades espirituais ou materiais e também para tornassem filhos de Deus e “participantes da natureza divina, da vida eterna”.

12 ²Está situada no Centro Norte de Minas Gerais, na Serra do Espinhaço. Faz parte da microrregião de Diamantina e está localizada no Alto do Vale do Jequitinhonha.

13 ³Religião Evangélica: 203 pessoas.

14 Segundo Cascudo (1985), não são todas as pessoas têm o direito de tocar, vestir o cadáver. Somente pessoas de boa vida, especializadas, com a seriedade e compostura de uma exposição de ofício religioso. É necessário rezar e depois quando se veste a roupa é preciso conversar com o morto, pedindo para que ele dobre o braço, levante a perna, até que esteja todo vestido.